

1492- A Conquista do Paraíso

As chamadas viagens de descobrimento inauguraram os tempos modernos e consolidaram a expansão colonial europeia em diversas partes do mundo. Para muitos historiadores (SHOHAT; STAM, 2006, p. 99), 1492 foi o ano em que se estabeleceu o mecanismo de vantagens sistemáticas que favoreceram a Europa por meio da injeção maciça de riquezas oriundas das colônias, a vantagem dos novos mercados na América e a dominação das populações nativas das Américas e África (sua utilização como mão de obra forçada), que transformaria a Europa em uma potência colonialista. Nessa perspectiva, a história de Colombo é crucial para o eurocentrismo, não apenas porque ele foi uma figura central na colonização, mas também porque versões idealizadas da sua história serviram para iniciar geração após geração no imaginário colonial. É através das narrativas sobre Colombo que se introduzem os conceitos de “descoberta” e “Novo Mundo”.

Em 1992, ano em que a invasão da América completaria 500 anos, foram elaborados documentários, obras de arte, filmes e livros sobre o tema, com vários pontos de vista a respeito de 1492. Nesse contexto, Ridley Scott dirigiu o filme “1492: a conquista do Paraíso” que narra a história de Cristóvão Colombo, um navegador genovês que vivia em Castela e que, convencido da esfericidade da Terra, conseguiu o apoio dos reis católicos Fernando e Isabel para empreender uma viagem até o Oriente, navegando em direção ao Ocidente. Em 1453, os turcos tomaram Constantinopla e bloquearam o comércio europeu com as Índias pelo mar Mediterrâneo. Isso acelerou a procura de caminhos alternativos para a chegada ao Oriente. Contando com uma frota composta pelos navios: Santa Maria, Pinta e Nina, Colombo saiu do porto de Palos, em agosto de 1492, e aportou na América aproximadamente dois meses depois: em 12 de outubro do mesmo ano.

É importante sublinhar que no contexto no qual Colombo viveu, europeus de diversas nações, em especial espanhóis e portugueses, voltavam sua atenção para a atividade mercantil e aumentavam seus conhecimentos sobre navegação. A cartografia conheceu grande desenvolvimento, com maior precisão nas medidas da Terra. O aperfeiçoamento da náutica, o astrolábio, o conhecimento dos astros, o surgimento de novas embarcações, como a caravela, tudo isso contribuiu, principalmente, para a expansão marítima europeia. O filme será aqui analisado tendo como eixo três aspectos: as representações do personagem Colombo, as relações entre europeus e indígenas e as imagens construídas sobre a América.

A obra, inicialmente, seria chamada “Colombus”, o que salienta a clara intenção de produzir um filme de caráter biográfico a respeito do personagem histórico. Apesar da mudança no título para “1492-A Conquista do Paraíso”, a trama continua centrada em Cristóvão Colombo. Por isso, a construção do protagonista é um aspecto fundamental na análise da produção, pois revela alguns dos seus objetivos centrais. O filme retrata Colombo como um homem magnânimo, como a voz da fé, da ciência e da

modernidade, e como um crítico da Inquisição. No filme, ao presenciar junto ao filho pessoas sendo mortas na fogueira em uma praça pública de Granada, Colombo, visivelmente contrariado, diz à esposa: “estão queimando pessoas em praça pública!”. No entanto não existe nenhuma evidência histórica nesse sentido crítico, pelo contrário, Colombo é retratado por historiadores como um homem que respeitava a Inquisição (MOTA, 2014).

No filme, Colombo é um visionário, com uma ideia revolucionária pela qual empregará todos os meios para conquistar. Esse fato pode ser percebido logo nas primeiras cenas da película, quando o protagonista apresenta suas reflexões na Universidade de Salamanca, enfrentando intelectuais, religiosos e nobres de sua época que não lhe davam crédito; ou seja, é representado como um gênio não compreendido. Nas discussões travadas entre Colombo e seus arguidores estão presentes as concepções científicas que se confrontavam à época: a visão católica, ainda baseada nas teses de Ptolomeu, e as teses de Colombo, baseadas nas informações do viajante italiano Marco Pólo, do geógrafo Toscanelli e de outros que acreditavam que a Terra era muito menor do que realmente é; se navegassem rumo a oeste, chegaria rapidamente à Ásia. Ao alcançar a América Central, Colombo continuou convencido de que tinha atingido a Ásia, mantendo essa certeza até morrer, apesar de inúmeras evidências em contrário, acumuladas por ele próprio e por tantos outros navegadores (AMADO; FIGUEIREDO, 1992 p. 37). Nesse momento do filme, os contra-argumentos de Colombo atendem aos interesses da Igreja e da Monarquia: para o representante da Igreja, ele afirma que a conquista das Índias seria uma forma de expandir a fé cristã; ao representante da monarquia, diz que poderia trazer riquezas à Espanha e torná-la não um reino, mas um Império.

Além da construção da personagem de Colombo, outro aspecto que merece atenção diz respeito à maneira pela qual os indígenas são representados. Em grande parte do filme, eles são mostrados como dóceis, ingênuos e dignos diante dos europeus, uma visão dentro do mito do “bom selvagem”, que seria inocente e mais próximo dos primeiros homens. Há até uma cena em que um xamã cuida de Martín Alonso Pinzón, um espanhol rico proprietário de navios no porto de Palos, que ficou doente. Após o primeiro contato, com belas imagens da natureza, ressaltando sua carga dramática, é mostrado um Colombo contrário a qualquer forma de violência contra os indígenas, afirmado que os converteria pela persuasão e não pela força, que respeitaria suas crenças, que a pilhagem seria punida com o chicote e o estupro com a espada. No entanto, no filme, vemos os indígenas sendo submetidos a trabalhos forçados nas minas, sendo o papel crucial de Colombo nessas violências obscurecido, não havendo nenhuma indicação de que ele tivesse participado da dizimação dos indígenas, das suas culturas e suas organizações sociais. Mais uma vez, os acontecimentos externos podem ajudar na compreensão da obra: em 1989 foi aprovada a Convenção “OIT 169”, primeiro passo internacional dado em favor dos direitos indígenas. Talvez, por esse motivo, o diretor tenha criado um Colombo que respeitava esses direitos.

Em vez de comprometer Colombo com as violências praticadas contra os nativos, o filme escolhe uma figura subalterna como bode expiatório, um sinistro nobre espanhol de nome Moxica, que tem traços que se assemelham aos indígenas e faz de Colombo seu inimigo para ser unicamente responsabilizado pelos trabalhos forçados e castigos cruéis, simbolizados na terrível cena em que Moxica decepa a mão de um indígena punindo-o por seu desempenho insatisfatório na extração de ouro nas minas. É Moxica também que incentiva estupros de mulheres indígenas. No entanto, historiadores afirmam que Colombo levou indígenas acorrentados de volta à Espanha em sua segunda viagem, como também foi responsável pela morte de aproximadamente 50 mil pessoas (STAM; SHOHAT, 2009, p. 106). Vinte e um anos após sua chegada, 8 milhões de pessoas haviam sido mortas por doenças, torturas e assassinatos. Embora, em suas primeiras anotações no seu diário de viagem, Colombo descreva os indígenas como “as melhores pessoas do mundo, as mais pacíficas” (16 de dezembro de 1492), ou como “homens gentis, [que] desconhecem o mal, [e nem sabem] como matar um outro” (12 de dezembro de 1492), ele não hesitou em escravizá-los logo em seguida.

Na película, uma tentativa de mostrar as resistências indígenas à colonização é a inserção de um personagem indígena com algum destaque: Utapán, que se interessa pela cultura e pelo idioma europeu e serve de intérprete da língua indígena para os espanhóis. Ao final do filme, a personagem retoma a sua cultura, seu corte de cabelo, seus adornos e abandona Colombo reclamando, inclusive, de que ele nunca aprendera sua língua. Um chefe indígena também demonstra resistência ao afirmar que sabe que as intenções dos espanhóis eram se apropriar de suas riquezas e das mulheres indígenas. Há ainda várias cenas de lutas dos indígenas contra sua submissão, com conflitos e mortes. Os outros indígenas são sujeitos “sem rostos” que apenas gritam palavras ininteligíveis (eles falam sua própria língua sem tradução) e pouco se sabe sobre suas histórias e culturas. Ademais, os indígenas permanecem às margens da história no contexto de um protagonismo dos europeus, agindo conforme as circunstâncias oferecidas por esses últimos.

No filme, o continente americano é representado a partir de velhos estereótipos, que são reforçados. Primeiramente, é possível analisar o próprio título: “a conquista do paraíso”. Tendo em vista que títulos conferem à obra um resumo do seu conteúdo, pode-se admitir que, na visão dos diretores e produtores, a chegada às Américas não foi mais do que o início da conquista de um novo território, favorecendo as leituras eurocêntricas. Mais um aspecto que reforça essa visão está presente na cena da chegada ao Novo Continente: Colombo é picado por um mosquito e começa a perceber que está próximo da terra firme, então corre à proa do navio e constata que é um dia de nevoeiro. No entanto, ao olhar para frente, o nevoeiro vai passando e se “descortina” a América. Essa cena reforça e reproduz a ideia de “descoberta” da América, tão propagada no ensino de História.

As expressões “descobrimentos” e “terras descobertas” são reveladoras da mentalidade europeia e dos objetivos das grandes navegações: controlar rotas

marítimas, apossar-se de terras ricas e comerciar com a Europa seus produtos valorizados. Inverter a história: ao marcar o início, o nascimento, a origem dos povos encontrados a partir da chegada dos europeus e não a partir da história interna e tradicional dos indígenas. Mostrar desprezo pelos povos encontrados: ao se recusar a reconhecer-lhes cultura e identidades próprias, distintas da Europa; isso, evidentemente, legitimava o colonialismo, a conquista e a imposição da cultura europeia, a única aceita como verdadeira. Desconhecer os direitos dos povos indígenas: ao desconsiderar os legítimos direitos desses povos às terras onde viviam e às riquezas que produziam, o que justificava a exploração econômica e o colonialismo. Portanto, continuar a referir-se à invasão dos europeus em 1492 como “descobrimento” e à América como “novo mundo”, significa manter a visão e as perspectivas europeias sobre o assunto. Elas serviriam para justificar a conquista e a colonização da Europa, bem como a violência e os preconceitos praticados contra indígenas no passado e no presente.

Textos de referência

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão et all (orgs). **A Idade Média no discurso fílmico**. Catálogo de filmes. Volume 1. Rio de Janeiro: PEM, UFRJ, 2013, p.10-12. Disponível em: <https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/CatalogoFilmico.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosacnaify, 2006, p. 99-111.

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **No tempo das caravelas**. Goiânia: CEGRAF-UFG/São Paulo: Editora Contexto, 1992, (Coleção Caminhos da História), p. 11-13.

MOTA, Carlos Guilherme. **A descoberta da América - As viagens de Colombo**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/descoberta-da-america-as-viagens-de-cristovao-colombo.htm>. Acesso em: 19 ago. 2021.